

TÓPICAS HORACIANAS NOS EPIGRAMAS DE MARCIAL: O *CARPE DIEM*

Robson T. Cesila

Universidade de São Paulo

robson.cesila@usp.br

RESUMO

O artigo visa a examinar a forma como o epigramatista Marco Valério Marcial trata, incorpora e explora, em sua obra, a tópica do *carpe diem*. Serão examinados seus dezoito epigramas em que ela se faz presente, sete dos quais serão apresentados em tradução poética e com análise pormenorizada. Uma lista final sintetizará as principais ideias, imagens, princípios e formulações, relativos à tópica, identificados no *corpus* analisado.

Palavras-chave: *Carpe diem*; Marcial; Epigramas; Horácio; *Odes*; Intertextualidade.

ABSTRACT

This paper aims at discussing how the epigrammatist Marcus Valerius Martialis treats, incorporates and explores, in his work, the *carpe diem* motif. His eighteen epigrams in which it is present will be examined, seven of which will be presented in poetic translation and with detailed analysis. A final list will summarize the main ideas, images, principles and formulations, related to the *carpe diem* motif, identified in the *corpus* analysed.

Keywords: *Carpe diem*; Martialis; Epigrams; Horace; *Carmina*; Intertextuality.

*accipe cum fletu maesti breue carmen amici
atque haec absentis tura fuisse puta.*¹

Marcial, VI. 85. 11-12

I

Apesar de sua longa história nas letras gregas e latinas, fazendo-se presente, como mostrou Achcar (1994, pp. 59-85), ao menos desde Semônides de Amorgos (século VII a.C.), é sabido que o *tópos* da necessidade de se aproveitar o curto momento presente enquanto é possível teve a sua formulação mais famosa a partir da pena de Horácio, a quem deve, inclusive, a expressão com

¹ A escolha do tema deste artigo é singela homenagem ao jovem professor e pesquisador e nosso saudoso amigo Alexandre Prudente Piccolo, cujo percurso acadêmico, cedo podado pelas Parcas, contemplava justamente a poesia de Horácio e as análises de viés intertextual.

que a partir de então se notabilizaria: *carpe diem*. Um enunciado curto – um verbo no imperativo e o seu objeto direto – mas prenhe de sentidos, inscrito no último verso da célebre ode I.11 do poeta de Venúsia:

*Tu ne quaesieris, scire nefas, quem mihi, quem tibi
finem di dederint, Leuconoe, nec Babylonios
temptaris numeros. Vt melius, quidquid erit, pati,
seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam,
quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare 5
Tyrrhenum! Sapias, uina liques et spatio breui
spem longam reseces. Dum loquimur fugerit inuida
aetas. Carpe diem, quam minimum credula postero.*²

Não indagues, Leucônoe, saber é nefasto, o fim que os deuses a mim, a ti fixaram, nem vás consultar os babilônios números. Quão melhor é aturar o que quer que nos suceda, quer Jove ainda muitos invernos nos dê, quer seja o último o que hoje o mar Tirreno extenua de encontro a ígneas fragas! 5
Sê sábia, filtra o vinho, e em espaço de tempo breve encaixa uma longa esperança. Pois foge, invejoso, o tempo, enquanto falamos. Colhe o dia de hoje, sem crer no de amanhã.³

A expressão, ainda que hoje possa nos parecer gasta e banal – empregada que é para nomear desde bares, cafeterias e restaurantes até escolas, agências de turismo e até mesmo imobiliárias, além de elemento central em um sem-número de combinações em tatuagens –, é notável por sua eloquente concisão (contém em si mesma todo um conjunto de ideias que representa um ideal de vida) e pela beleza da metáfora que abriga: *carpe* é imperativo do verbo *carpere*, que tem, entre seus principais sentidos, “colher”, “apanhar”; *diem* é “dia”, ou, mais precisamente, “o dia de hoje”, “o momento presente”, que, por força da transposição de sentido operada, é equiparado a uma flor ou a um fruto, o que implica em sua efemeridade. Dizendo de outra forma, é necessário “colher o dia (de hoje)”, gozá-lo e aproveitá-lo enquanto é possível, pois ele, como os frutos e as flores, é efêmero, passageiro, não dura para sempre. Há, pois, o momento certo para essa colheita, e esse momento é o hoje, pois o amanhã é incerto e nele, portanto, deve-se acreditar o mínimo possível (cf. *quam*

² Texto de Shackleton Bailey (2008), mas adotamos a letra minúscula *u* e a maiúscula *V* para representar tanto a vogal quanto a semivogal /u/; além disso, optamos pelo uso de letras maiúsculas após os pontos finais, de interrogação e de exclamação.

³ Todas as traduções no presente artigo – de Marcial, de Horácio e de Catulo – são de nossa autoria. Nesta ode, empregamos um verso de 16 sílabas (contando até a última tônica), com a 3ª (ou 4ª), 6ª, 9ª, 12ª, 14ª e 16ª fortes, sem tentar, porém, reproduzir/recriar as sequências de longas e breves do verso latino (o asclepiadeu maior), nem criar qualquer análogo dele em português.

minimum credula postero, v. 8), dar-lhe pouquíssima importância, quase como se só o presente existisse.

O conselho *quam minimum credula postero* que fecha a ode já aparecera nos versos iniciais, de forma que é possível detectar na construção do poema o esquema circular ou *ring composition*. Com efeito, a destinatária da mensagem, Leucônoe, é advertida, no início do poema, a não buscar saber o momento (e a forma?) de sua morte e daquela reservada ao eu do poema (*Tu ne quaesieris ... quem mihi, quem tibi finem di dederint*, vv. 1-2), pois sabê-lo é contrário à lei divina, à ordem natural das coisas (*scire nefas*). Também é desaconselhada, no mesmo trecho, a consultar a astrologia para saber esse e outros fatos relativos ao porvir (*nec Babylonios temptaris numeros*, vv. 2-3).

Após essa admoestação inicial a não se buscar saber o futuro, vem então a alternativa que lhe é preferível (note-se o comparativo *melius* reforçado pelo advérbio exclamativo *ut*): aceitar e suportar o que quer que nos venha a acontecer (*Vt melius, quidquid erit, pati*, v. 3), sem nos preocuparmos com o número de anos que ainda temos para viver (*seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam, / quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare / Tyrrhenum!*, vv. 4-6). Neste último trecho (vv. 4-6), a paráfrase está longe de dar conta da força e intensidade da imagem construída por Horácio. Literalmente, dizem esses versos: “quer Júpiter nos conceda [ainda] muitos invernos, quer [nos conceda] como último [este] que agora faz cansar o mar Tirreno, [atirando-o] contra as rochas”. Na primeira oração iniciada por *seu*, tem-se a metonímia *hiemes* (“invernos”) para substituir *anni* (“anos”); na segunda oração, o poeta abdica do mais simples, que seria dizer “este inverno que agora vivemos”, e emprega um longo enunciado que se refere aos efeitos do presente clima invernal sobre as águas do mar Tirreno que se chocam continuamente contra os rochedos vulcânicos da margem. Ao se associar de tal forma o *momento presente* vivido pelo eu poético e por Leucônoe ao *momento presente* em que tais coisas ocorrem na natureza, é inevitável, como apontou Achcar (1994, p. 98), o contraste estabelecido entre o tempo humano e o tempo da natureza, este, cíclico, infinito e permanente, aquele, linear, finito e efêmero.⁴ Esta a ideia que pode ser vislumbrada a partir da imagem do constante movimento das ondas do mar Tirreno se chocando permanente e eternamente contra os rochedos da margem, enquanto ao humano, em sua pequenez e transitoriedade, o presente inverno que se vive pode vir a ser o último (cf. *ultimam*).

A própria metáfora vegetal em que se baseia a expressão *carpe diem* pode evocar, ainda que mais sutilmente, esse contraste entre homem e natureza no que tange à sua duração temporal. É claro que a imagem do fruto ou da flor implícita no complemento esperado do verbo *carpere* se refere aos frutos ou

⁴ Cf. também Horácio, *Od.*, I.4.1-8, 9.1-4; II.11.9-10; III.29.17-24 e 33-48; IV.7.1-16.

às flores *do momento presente*, que em breve apodrecerão ou murcharão, daí a premência em colhê-los; mas fruto e flor, como sói na natureza, renascerão na próxima estação (ou no próximo ciclo biológico). Já a vida humana é uma só, linear, não volta: as flores da juventude ou o doce fruto da beleza e da saúde não retornarão, uma vez passado o tempo de sua colheita e fruição.

No poema também ocorre claramente, nos versos 7-8, em *dum loquimur, fugerit inuida aetas* (“enquanto conversamos, terá fugido, invejoso, o tempo”), uma tópica que é aparentada, relacionada, e mesmo indissociável do *carpe diem*: a ideia da fugacidade do tempo ou brevidade da vida, que se costuma resumir, geralmente, na fórmula *tempus fugit*.⁵ Pode-se mesmo dizer que esta última é a causa, e o *carpe diem*, a consequência (“já que o tempo foge, é necessário aproveitar o dia de hoje”), ou, mais precisamente, que *carpe diem* é o conselho que decorre e é motivado pelos efeitos da fuga do tempo.

No passo horaciano, diz o eu poético que, enquanto ele e Leucônoe conversam, o tempo terá fugido (*fugerit*), como se os próprios minutos gastos nas reflexões dos versos anteriores já fosse, por si só, um prejuízo irremediável; assim, não se deve mais perder tempo, e daí a enunciação imediata, logo na sequência, da admoestação final *carpe diem, quam minimum credula postero*. Note-se que o verbo *fugerit* é também bastante sugestivo, pois a ideia de fuga remete, por um lado, à rapidez com que o tempo foge, e, por outro, ao caráter sorrateiro e silencioso desse movimento, do qual dificilmente nos apercebemos, imersos que estamos no turbilhão dos problemas e afazeres da vida. Observe-se, por fim, o adjetivo “inveioso” (*inuida*) aplicado ao tempo (*aetas*), personificando-o. Significa que o tempo sente inveja dos momentos felizes vividos pelos humanos e, por isso, passa rápido para evitar que esses prazeres sejam por demais duradouros. O adjetivo é enfatizado pela posição que ocupa no final do verso 7, separado do nome que qualifica, *aetas*, que inicia o verso seguinte.

Resta agora especificar em que consistiria, na ótica do poema, “aproveitar o momento presente”, ou seja, de que atividades ou prazeres se deve usufruir enquanto se goza de juventude, beleza e vida. Aqui há dois elementos a destacar: o prazer do amor e o prazer do vinho, ambos relacionados entre si e ligados, de alguma forma, ao contexto do banquete.

O primeiro se depreende – já que não há um convite amoroso explícito – do fato de ser o destinatário da mensagem poética uma figura feminina, Leucônoe, cujo nome ocorre já no segundo verso. Além disso, essa figura, que talvez – mas não necessariamente – seja uma escrava (dado que o eu poético lhe pede para “filtrar o vinho” no verso 6), se mostra interessada, no início da ode, em saber o futuro não só dela própria, mas também do eu do poema

⁵ Cf. também *fugaces ... labuntur anni* (“fugazes ... se escoam os anos”) em Horácio, *Od.*, II.14.1-2.

(*quem mihi, quem tibi*), o que pode indicar uma relação amorosa entre o *ego* e o *tu* da ode. Quanto ao prazer do vinho (ou, de forma geral, o prazer do banquete), revela-se no conselho *uina liques*, “coes o vinho”, em referência ao processo de filtragem da bebida para livrá-la de eventuais sedimentos, o que se fazia, segundo Nisbet e Hubbard (1975, *ad loc.*), por meio de um filtro de metal ou junco ou um coador de linho. Lembra o mesmo par de estudiosos (1975, *ad loc.*) que a preferência pela filtragem, método muito mais rápido do que a decantação, que poderia durar uma noite inteira, indica que o vinho deve ser consumido de imediato, o que se coaduna com a premência expressa pelo conselho de aproveitar o momento presente. Com efeito, nada garante que se esteja vivo no dia seguinte, não sendo aconselhável, portanto, deixar para consumir o vinho no dia de amanhã.

Acompanham *uina liques* outras duas orações que importa comentar. O subjuntivo *sapias* (“sê sábia”, “sê sensata”), indicando a postura típica do sábio, que vive o hoje sem se preocupar com o futuro, e a sequência *spatio breui/ spem longam reseces* (“em breve espaço [de tempo] faças caber (cortando-a) uma longa esperança”), que denota a inutilidade de se alimentarem longas expectativas, de se fazerem planos para um futuro distante, quando, em verdade, devemos limitar nossos desejos e anseios ao pequeno espaço de tempo que é o momento presente. Este último, com efeito, é um pequeno recorte (*spatio breui*) a partir do tempo total de nossa existência, e é com esse pequeno fragmento, o único sobre o qual podemos ter controle, que devemos realmente nos preocupar, vivendo plenamente o hoje.

II

Detivemo-nos um pouco mais na ode I.11 por ser ela central para a tópica em questão⁶, mas os temas da fugacidade do tempo, brevidade da vida e consequente urgência em aproveitar o momento presente ocorrem, evidentemente, em várias outras odes de Horácio: I.4, I.9, II.3, II.11, II.14, III.29 e IV.7. Não sendo, porém, oportuno nos alongar no estudo desses textos, passamos de imediato ao objetivo, de fato, do presente artigo, que é examinar a construção e a apropriação do *carpe diem* pelo epigramatista Marco Valério Marcial.

Embora esse autor tenha se celebrizado por seus epigramas de invectiva satírica, que ocupam quase 2/3 dos livros de temática variada (livros I a XII), há, dentre as peças que não visam à sátira, um conjunto representado por epigramas que se poderiam chamar “filosóficos”, ou, empregando uma

⁶. Ao leitor interessado em mais detalhes, remetemo-lo ao comentário de Nisbet e Hubbard (1975) e à análise de Achcar (1994, pp. 87-102).

classificação da *Antologia Grega*, “exortativos” (προτρεπτικά, *protreptiká*). Dentre estes, identificamos ao menos 18 poemas em que a tópica do *carpe diem* se faz presente, direta ou indiretamente: *Xen.*, 126; I.15, 49; II.59, 90; IV.54; V.20, 58, 64; VI.27, 70; VII.47; VIII.44, 77; X.23, 38, 44, 47.⁷

Examinaremos os epigramas mais representativos dessa lista, os quais serão aqui reproduzidos, traduzidos e comentados, mas sempre indicaremos também as passagens dos demais poemas, segundo a coincidência de ideias, imagens e construções frasais neles encontradas. Ao final do trabalho, uma lista resumirá esses achados, apondo-lhes a indicação exata das passagens.

Principiemos por I.15, em que a tópica do *carpe diem* se mostra em toda a sua plenitude:

I.15

*O mihi post nullos, Iuli, memorande sodales,
si quid longa fides canaque iura ualent,
bis iam paene tibi consul tricensimus instat,
et numerat paucos uix tua uita dies.* 5

*Non bene distuleris uideas quae posse negari,
et solum hoc ducas, quod fuit, esse tuum.*

*Exspectant curaeque catenatique labores,
gaudia non remanent, sed fugitiua uolant.*

*Haec utraque manu complexuque assere toto:
saepe fluunt imo sic quoque lapsa sinu.* 10

*Non est, crede mihi, sapientis dicere “uiuam”:
sera nimis uita est crastina: uiue hodie.⁸*

Ó Júlio, amigo a ser mais que todos lembrado
(se algo valem lealdade e antigos laços),
quase sessenta cônsules já te pressionam,
mas tua vida mal soma uns poucos dias.
Pra que adiar o que sabes que não terás sempre? 5
Consideres que é teu só o que passou!
Preocupações, labutas em série te esperam,
mas não os gozos, que, fugazes, voam.
Pega-os com as duas mãos e um abraço apertado:
té assim amiúde escorrem de teus bolsos. 10
O homem sábio, garanto, não diz “viverei”:
vem tarde a vida de amanhã, vive hoje!⁹

⁷ VIII.44 é o único desse rol que seria mais bem classificado como invectivo.

⁸ Texto de Shackleton Bailey (1993), com as mesmas ressalvas feitas na nota 2. No epigrama em questão, retiramos também a vírgula entre *crede* e *mihi* no v. 11, um evidente erro tipográfico, como o demonstra a própria tradução apresentada pelo classicista britânico.

⁹ Neste trabalho, nas traduções dos epigramas de Marcial compostos em dísticos elegíacos, adotamos sempre, para os hexâmetros, dodecassílabos com acentuação fixa na 6ª e 12ª sílabas; para os pentâmetros, decassílabos com acentuação fixa na 6ª e 10ª sílabas (a exceção, no caso deste poema, é o último verso). Por vezes, há acentos secundários fixos, como na 8ª ou 9ª sílaba dos dodecassílabos, e na 8ª sílaba dos decassílabos.

O *Iulius* (cf. v. 1) a quem o poema é dirigido é Júlio Marcial, um grande amigo a quem o poeta dedicará mais tarde o Livro VI (cf. VI.1) e de quem descreve a *villa* suburbana no monte Janículo (IV.64) e a biblioteca dessa *villa* (VII.17). Curiosamente, três dos poemas centrados na tópica em questão lhe são consagrados: I.15, V.20 e X.47. Também o homenageiam os poemas III.5, IX.97, XI.80 e XII.34. Percebe-se, pois, a intensidade e a longa duração dessa amizade, não só porque Júlio Marcial é citado, como se vê, em um grande número de poemas, mas também porque estes se espalham por todos os livros de temas diversos do poeta (exceção feita ao Livro II e ao VIII), cobrindo, portanto, um intervalo temporal muito grande. Já no poema em questão, do Livro I, que é de 86 d.C. (SULLIVAN, 1991, p. 15), essa amizade é classificada como de longa data (cf. *longa fides canaque iura*, v. 2), devendo ter se iniciado já na época da chegada do poeta a Roma (64 d.C.), como deixará claro, posteriormente, o epigrama XII.34, em que o poeta diz a Júlio que passou junto dele, em Roma, 34 anos. A amizade, com efeito, é um dos elementos constantes nos epigramas centrados na tópica do *carpe diem*. É na agradável companhia dos amigos que se vivem as horas verdadeiramente felizes, é com eles que se aproveitam os prazeres do momento presente (cf. V.20.1-4 e 8-10; VII.47.3-10; VIII.77.1; X.44.7-10, 47.2 e 7-9).

Outra ideia importante presente no poema é a de que somente se podem contar como efetivamente vividos os dias que são *bem* vividos, isto é, aqueles que são felizes, bem aproveitados, fruídos intensamente; somente esses dias foram efetivamente “colhidos” em seu devido momento; os outros, empregados em atividades penosas e entediadas, obrigações e negócios, ou em que não se gozou de boa saúde, não contam efetivamente como “vida”. Segundo esse critério, Júlio, diz o poeta, beira já os sessenta anos (já quase duas vezes o trigésimo cônsul pesa sobre ele, *bis iam paene tibi consul tricensimus instat*, v. 3), mas somente viveu, de verdade, alguns poucos dias (v. 4). A duração humana, portanto, é um grande todo do qual se recorta a pequena parcela dos dias efetivamente aproveitados: quanto maior é esse recorte (quanto mais dias felizes se podem contar no todo da vida, quanto mais dias são aqueles em que se pode dizer que se colheu o momento presente), mais feliz é o homem.¹⁰ Como diz a ode horaciana, sábio é aquele que recorta (*reseces*) as suas longas expectativas (*spem longam*) fazendo-as caber no *breui spatio* de tempo do momento presente.

¹⁰ Cf. o verso – de autor não identificado – citado por Sêneca em *De Breuitate Vitae*, II.2: *exigua pars est uitae quam nos uiuimus* (“exígua é a parte da vida que nós realmente vivemos”). Completa na seqüência o filósofo: *Ceterum quidem omne spatium non uita, sed tempus est* (“Pois todo o resto é tempo, não vida”).

Esse conceito da *uita* verdadeira como restrita ao recorte dos momentos felizes retorna, em Marcial, em VI.70, VII.47.11-12, VIII.77.7-8, X.23 e 38.¹¹ Destaquemos, destes, VI.70, em que o conceito se expressa enfaticamente na *sententia* que serve de fecho ao epigrama: *non est uiuere, sed ualere uita est*, “a vida não é viver (simplesmente), mas viver bem”. Ainda que o contexto convide a interpretar *ualere* como “estar bem de saúde” (pois Cota, citado no poema, tem 62 anos e nunca se lembra de ter ficado de cama), pode-se ampliar a leitura para o bem-estar geral, a paz de espírito, a felicidade do estar bem consigo mesmo. Diz ali o poeta, dirigindo-se melancolicamente a seu amigo Marciano, que eles, ao contrário de Cota, o velho de saúde “de ferro”, parecem idosos, mas, na verdade, são crianças, pois os dias que viveram sem enfermidades ou outras dores – isto é, os dias que se podem contar de fato como “vida” – foram, em verdade, bem poucos.

Voltemos ao poema I.15, para lhe examinarmos os versos restantes. No verso 5, o poeta censura o amigo por adiar aquilo (isto é, os gozos, as alegrias) que ele próprio, Júlio, sabe que lhe poderá ser negado amanhã¹², e o aconselha (v. 6) a considerar como seu apenas os gozos já vividos, os quais, exatamente por já terem passado, são o único bem ou propriedade de que ninguém jamais poderá privá-lo.¹³ As preocupações (*curae*) e labutas encadeadas (*catenati*

¹¹. Poder-se-iam acrescentar à lista também II.90.3-4; V.20.14, 58.1 e 7-8, 64.5; VI.27.10 e VIII.44.1, em que a ideia da separação dos dias felizes a partir do todo da vida não é expressa diretamente, mas está subentendida no uso que se faz do verbo *uiuere* como “viver de verdade” ou do termo *uita* como “vida efetivamente vivida”. Essa acepção de *uita* e de *uiuere* ocorre, em Marcial, mesmo em dois epigramas não centrados na temática do *carpe diem*: I.103.12 e XII.60.6. Lembre-se, também, do famoso passo catuliano (5.1) *Viuamus, mea Lesbia, atque amemus*, em que a conjunção aditiva (*atque*) põe em forte relação complementar os dois verbos que liga e praticamente se reveste de um matiz conclusivo: “vamos viver, e, portanto, nos amar”, “vamos aproveitar a vida e, para tanto, gozemos do amor”. Ou seja, “viver” é “amar”: a fruição da relação amorosa com Lésbia é uma das formas – na ótica deste poema, talvez a única, senão a mais importante – de se aproveitar o momento presente. Não há vida verdadeira fora dos momentos felizes vividos junto da amada.

¹². Cf. X.44.5: *gaudia tu differs* (“tu adias os prazeres”), diz o poeta ao amigo e vizinho de residência Quinto Ovídio, que está deixando a prazerosa Itália para visitar um amigo na Caledônia (atual Escócia). Ver também II.90.5-6: *Differat hoc [subentende-se uiuere] patrios optat qui uincere census/ atriaque immodicis artat imaginibus* (“adia isso [= viver verdadeiramente a vida] aquele que deseja superar as riquezas paternas/ e entulha os seus átrios com enormes imagens”). Ver, ainda, V.20.14: *Quisquam, uiuere cum sciat, moratur?* “Quem é que, uma vez que saiba viver (a verdadeira vida), se demora em fazê-lo?”. Os dois últimos epigramas serão analisados mais à frente, neste artigo.

¹³. Cf. X.23.7-8, em que o poeta sentencia: *hoc est! uiuere bis, uita posse priore frui* (“poder fruir da vida passada é viver duas vezes”). Esse epigrama é aparentemente um genético dedicado a Antônio Primo, que completa 75 anos bem vividos, e, por isso, não teme a morte que se aproxima (“as águas do Letes”, *Lethes aquas* do v. 4). Diferente, como se vê, do Júlio Marcial de I.15. Veja-se também X.38.9-11 (o poema celebra o aniversário de casamento de Caleno e

labores) o esperam por toda a vida (v. 7), mas os gozos não: estes são efêmeros, não permanecem após passado o correto momento de sua fruição (v. 8).¹⁴ Note-se, nesse último verso, a expressividade do verbo *uolant* como predicado de *gaudia*, denotando a facilidade e rapidez com que os prazeres e alegrias fogem para longe, como se dotados de asas. Efeito semelhante tem o adjetivo *fugitiua*, que indica o caráter fugaz, sorrateiro desse prazeres, que se afastam de nós como fugitivos, sem que o percebamos (ecoando o *fugerit* horaciano de I.11.7). A imagem de *gaudia* que são *fugitiua* retornará no epigrama VII.47, em que o poeta, ao celebrar o restabelecimento da saúde do amigo Licínio Sura, que esteve prestes a morrer, aconselha-o a fruir o máximo possível de sua vida a partir de agora: *Viue uelut rapto fugitiuaque gaudia carpe:/ perdiderit nullum uita reuersa diem* (vv. 11-12), “vive a vida como se roubada lhe fora e colhe as alegrias fugitivas:/ que a vida recuperada não perca um único dia”.

Tão fugitivos são esses gozos, diz o poeta no epigrama I.15, que precisam ser pegos no momento certo, agarrados com as duas mãos, abraçados (v. 9); mesmo assim, porém, eles se esvaem, escorregadios, escorrem como se fossem água, metáfora sugerida pelo significativo verbo *fluunt* (v. 10).¹⁵

No dístico final vem a enunciação, mais claramente, da tópica do *carpe diem*, construída aqui por meio de um jogo com os tempos futuro e presente do verbo *uiuere* posicionados nos extremos dos versos. São também palavras-chave os advérbios *hodie* e *nimis* e os adjetivos *sera* e *crastina*. Não é próprio de quem é sábio, sentencia o poeta, afirmar que viverá (*uiuam*, v. 11), pois a vida vivida amanhã (*uita crastina*) vem tarde demais (*sera nimis*, v. 12). Portanto, conclui, *uiuere hodie* (“vive hoje”), expressão equivalente – ainda que sem a beleza da metáfora vegetal – do *carpe diem* horaciano. Observe-se, no verso de Marcial, a posição enfática da fórmula, posicionada como as duas últimas palavras do epigrama.

Note-se, por tudo o que vai exposto, que o poema está estruturado em três partes: na primeira (vv. 1-4), o poeta expõe o fato de que vai tratar (o caso do amigo Júlio Marcial, que já vai em idade avançada mas raramente viveu de verdade a sua vida); na segunda (vv. 5-10), argumenta contra essa escolha de

Sulpícia): *uixiste tribus, o Calene, lustris:/ aetas haec tibi tota computatur/ et solos numeras dies mariti* (“viveste, ó Caleno, três lustros:/ este o passado que para ti é computado integralmente,/ e pões na tua conta somente os dias de casado”). Veja-se ainda o final de V.58: *Cras uiues? Hodie iam uiuere, Postume, tardum est:/ ille sapit quisquis, Postume, uixit heri* (“Viverás amanhã? Viver hoje já é tarde, Póstumo: sábio é aquele, Póstumo, que viveu ontem”).

¹⁴ Uma pista sobre quais seriam essas preocupações e labutas que sempre estarão à espera do amigo pode ser extraída de V.20.5-7 e X.47.5, analisadas mais à frente neste artigo. Os três epigramas – I.15, V.20 e X.47 – são dedicados e dirigidos ao mesmo Júlio Marcial, daí a possibilidade da leitura conjunta.

¹⁵ Cf. o verbo *labuntur* no passo horaciano já citado *fugaces ... labuntur anni* (*Od.*, II.14.1-2): “fugazes... se escoam os anos”.

vida do amigo, evocando a rápida passagem do tempo, a efemeridade dos bons momentos e a constância e permanência das dores e aflições; na terceira parte (vv. 11-12), correspondente ao dístico que fecha o epigrama, vem o resumo dos argumentos anteriores por meio da enunciação clara e definitiva do *carpe diem*. É também possível, porém, uma divisão em apenas duas partes: a primeira (vv. 1-4) é, como na divisão anterior, a exposição do fato de que Júlio Marcial não vive efetivamente a sua vida; a segunda (vv. 5-12) corresponde ao conjunto de conselhos – cf. as expressões jussivas que predominam nessa parte: *non bene distuleris* (v. 5), *assere* (v. 9), *crede* (v. 11), *uiue* (v. 12) – dados ao amigo alertando-o para a incorreção dessa escolha e incitando-o a viver o presente.

III

A transparente formulação do *carpe diem* presente no dístico final de I.15 (*Non est, crede mihi, sapientis dicere “Viuum”:/ sera nimis uita est crastina: uiue hodie*) pode ser identificada, com a mesma clareza, em alguns outros passos de nosso *corpus*. Vejamos.

Em IV.54.3-4, o poeta aconselha Colino, que vencera uma prova nos Jogos Capitolinos instituídos por Domiciano: *si sapis, utaris totis, Colline, diebus/ extremumque tibi semper adesse putes* (“se és sábio, Colino, usufruas de todos os teus dias/ e sempre consideres como o último o que [agora] a ti se apresenta”). Destaque para o verbo *sapis*, que indica, como na ode de Horácio (I.11.6) e em *sapientis* de Marcial I.15.11, a postura que se espera do homem sábio, que se assenhoreia de seu presente e não se preocupa com o intangível futuro. Note-se também o substantivo *diebus*, que evoca o *diem* da expressão horaciana que nomeia o *tópos*.

Em VIII.44, Titulo é repreendido porque, mesmo tendo já idade avançada, não consegue aproveitar a vida, empenhando todos os seus dias em amealhar riquezas de que não usufrui nem usufruirá. Nesse caso, a tópica surge já enunciada nos versos que abrem o epigrama (vv. 1-2): *Titulle, moneo, uiue: semper hoc serum est;/ sub paedagogo coeperis licet, serum est* (“Titulo, te aconselho, aproveita a tua vida: sempre é tarde para isso;/ mesmo que comeces quando ainda aos cuidados do pedagogo [= desde criança], já é tarde”. Titulo é, pois, como o Júlio Marcial de I.15, que também já se encontra em idade avançada e ainda não começou a gozar a vida, com a diferença de que, aqui, em VIII.44, como se notará pela leitura integral do poema, o tom parece ser de invectiva, enquanto que em I.15 o poema é claramente exortativo.¹⁶

¹⁶. Se entendermos VIII.44 como invectivo – como cremos que é –, devemos reconhecer “Titulo” como um nome fictício, dado que Marcial declara mais de uma vez o seu princípio de não atacar pessoas por seus nomes verdadeiros (cf. I, pref., ll.1-10; III.99; V.15; VII.12, 72; IX.95b; X.3, 5, 33).

Vejamos também VII.47.11-12, do *sotérion* a Licínio Sura, passo que já mencionamos há pouco, mas que vale a pena retomar pela hábil engenharia poética com que é construído:

*Viue uelut rapto fugitiuaque gaudia carpe:
perdiderit nullum uita reuersa diem.*

“Vive a vida como se roubada lhe fora e colhe as alegrias fugitivas:/ que a vida recuperada não perca um único dia”. Aqui, o poeta formula a tópica horaciana de modo próprio, adaptando-a à finalidade do *sotérion*, que é estimular a viver o presente um patrono que quase partiu desta vida, em razão de séria enfermidade (daí, por exemplo, a referência à vida recuperada, *reuersa uita*). No entanto, observe-se que os horacianos *carpe* e *diem* estão presentes no dístico: embora não relacionados sintaticamente (*carpe* tem como objeto direto *gaudia*, e *diem* é objeto de *perdiderit*), nota-se que o primeiro é a última palavra do v. 11, e o segundo, a última do v. 12, de forma que, se se leem apenas os vocábulos finais de cada verso, tem-se exatamente a expressão *carpe diem*. Mesmo numa leitura corrida do dístico, pode-se supor que a palavra *carpe*, por estar posicionada com ênfase no fim métrico e sintático do hexâmetro, ficaria ecoando na mente do leitor (ou ouvido do ouvinte), podendo ser por estes recuperada ao fim do pentâmetro (onde se lê, em posição igualmente enfática, *diem*), de forma a se recompor, como num quebra-cabeças, o célebre mote horaciano. Trata-se de um belo exemplo da habilidade com que Marcial incorpora intertextos de outros autores aos seus epigramas: enquanto uma leitura epidérmica encontraria apenas uma reformulação, com distinto material verbal, da tópica celebrizada por Horácio, a prospecção, pelo leitor atento, das camadas mais profundas do texto revelaria o uso do mote horaciano exatamente como se encontra no verso final de sua ode I.11: *carpe diem*.

Vejamos, por fim, a interessante formulação da tópica no final de V.58:

V.58

*Cras te uicturum, cras dicis, Postume, semper.
Dic mihi, cras istud, Postume, quando uenit?
Quam longe cras istud, ubi est? Aut unde petendum?
Numquid apud Parthos Armeniosque latet?
Iam cras istud habet Priami uel Nestoris annos.
Cras istud quanti, dic mihi, possit emi?
Cras uiues? Hodie iam uiuere, Postume, tardum est:
ille sapit quisquis, Postume, uixit heri.*

5

Que amanhã viverás me dizes sempre, Póstumo:
me diz, esse amanhã, quando vem, Póstumo?
Quão distante é? E onde ele está? Onde buscá-lo?
Oculta-se entre os partas e os armênios?

Já é velho esse amanhã, como Nestor e Príamo. 5
 Quanto custa, me diz, esse amanhã?
 Viverás amanhã? Viver hoje já é tarde!
 Sábio, Póstumo, é quem já viveu ontem.

O nome Póstumo é, evidentemente, escolhido a propósito: vem do adjetivo *postumus*, que significa “o que vem no fim”, “último”, “póstumo”, formado, por sua vez, a partir do prefixo *post-*, “depois”. É nome adequado, portanto, para o tipo de indivíduo que não aproveita o momento presente e deixa para viver o amanhã, “postumamente”, como no poema. Mas o poeta pode estar aqui imitando a escolha de Horácio na ode II.14 (*Eheu, fugaces, Postume, Postume*), uma hipótese intertextual bastante razoável, dado o tema comum dos dois poemas.

A palavra “amanhã”, *cras*, é repetida à exaustão em todos os versos, excetuados o v. 4, em que está subentendido como sujeito do verbo, e no verso final, em que é natural a sua ausência, dado ali o protagonismo do “ontem” (*heri*), como se verá. Essa recorrência do advérbio substantivado *cras* serve, a nosso ver, para reforçar a rejeição, presente em cada verso, daquilo que ele representa: a demasiada preocupação de Póstumo com o futuro e a sua eterna procrastinação dos gozos que devem ser vividos no presente. O vocativo *Postume*, repetido quatro vezes, duas no dístico inicial (vv. 1-2) e duas no final (vv. 7-8), serve ao mesmo propósito, lançando os holofotes sobre a personagem central do interlocutor e chamando a atenção para o significado do nome *Postumus* que expusemos acima.

A repetição de *cras*, sobretudo (algumas vezes acompanhado do demonstrativo neutro *istud*), cria uma espécie de fio condutor ao longo do poema, gerando certa tensão no leitor/ouvinte que só será resolvida nos versos finais, em que o *carpe diem* será verbalmente enunciado pelo jogo com os advérbios *heri*, *hodie* e *cras*. Os versos do miolo do poema – composto mormente de uma série de perguntas dirigidas a Póstumo – contribuem igualmente para esse efeito tensor e são centrados basicamente nas ideias de tempo ou “quando?” (*quando uenit?*, v. 2, *cras istud habet Priami uel Nestoris annos*, v. 5), espaço ou “onde?” (*quam longe?*, *ubi est?* e *aut unde petendum?*, v. 3, *numquid apud Parthos Armeniosque latet?*, v. 4) e preço ou “quanto custa?” (*quanti ... possit emi?*, v. 6). Note-se que as ideias de espaço e tempo vêm reforçadas por referências a paradigmas, respectivamente, do que é longínquo e do que é longevo: primeiro (v. 4), partas e armênios, povos que habitavam junto aos distantes limites orientais do império romano; depois (v. 5), Nestor e Príamo, heróis que são apresentados, na tradição mítico-literária (sobretudo na *Iliada*), como já muito idosos na época dos fatos de que participam, na Guerra de Troia. Assim, o amanhã está tão distante de Marcial e de seu interlocutor quanto os partas e armênios, daí ser sensato aproveitar o hoje, que está próximo, visível e acessível. Já faz tanto tempo que Póstumo deixa de

viver o hoje e espera pelo amanhã que este último envelheceu, tornou-se velho como Nestor e Príamo. Acrescente-se que a referência a esse par de heróis homéricos também remete, ainda que sutilmente, ao destino que aguarda todos os mortais, Póstumo aí incluído: o envelhecimento e a aproximação da morte.¹⁷

A hábil formulação do dístico final eleva à máxima potência o convite do *carpe diem* através de sua aparente negação: viver o hoje já é tarde (*hodie iam uiuere, Postume, tardum est*), começa dizendo o poeta (v. 7), pois sábio mesmo, arremata depois (v. 8), é quem já viveu ontem (*ille sapit quisquis ... uixit heri*).

IV

Outro elemento frequente nos epigramas centrados na tópica que estamos examinando é a presença da morte, que está relacionada, obviamente, com a ideia da passagem do tempo e da efemeridade da vida. É o caso de II.59, uma pequena éfrase enunciada em primeira pessoa pelo “objeto” descrito, a *Mica Aurea*, que era provavelmente uma sala de jantar do palácio de Domiciano:¹⁸

II.59

*Mica uocor: quid sim cernis, cenatio parua:
ex me Caesareum prospicis ecce tholum.
Frangere toros, pete uina, rosas cape, tinguere nardo:
ipse iubet mortis te meminisse deus.*

De “Migalha” chamada, eu sou curto triclínio;
de mim – observa! – o domo vês de César.
Pede o vinho, usa o leito, em rosa e nardo envolve-te:
é um deus a te mandar lembrar da morte.

A partir dessa pequena sala de jantar (*cenatio parua*, v. 1), pode-se avistar a abóbada (cf. *tholum*, v. 2) do Mausoléu de Augusto, no Campo de Marte, o túmulo oficial dos imperadores antes da construção, por Domiciano, do *Templum Gentis Flauiae*, para onde depois seriam transferidos os restos mortais de seu pai, Vespasiano, e de seu irmão, Tito (cf. WILLIAMS, 2004, p. 199, e HOWELL, 1995, pp. 147-148). E é a presença desse monumento mortuário, ali tão perto dos convivas que participam do banquete na *Mica Aurea*, que os adverte a se lembrarem da morte (v. 4) e, conseqüentemente, a aproveitarem

¹⁷ Outros epigramas de nosso *corpus* em que Príamo e/ou Nestor surgem como paradigmas de longevidade humana são VI.70 (v. 12) e X.38.14. Em poemas não centrados na temática do *carpe diem*, os longevos heróis são citados juntos em II.64.3; VIII.6 e 9, 64.14; X.67.1 e 4; e, separados, em XI.60.3 (Príamo), e VII.96; IX.29.1; X.24.11; XI.56.13 (Nestor).

¹⁸ Segundo Williams (2004, pp. 199-200), que elenca ainda as outras hipóteses, menos preferíveis, de identificação do local descrito.

os seus dias de vida enquanto podem (v. 3). A sombra da morte, paira, por assim dizer, diante dos olhos dos convivas, materializada na mole do edifício constantemente visível aos partícipes do simpósio. No entanto, no contexto simposial encenado no poema, não é sombria ou ameaçadora a mensagem que traz o edifício tumular; ele apenas é signo da efemeridade da condição humana e da inevitabilidade da morte, que a todos atinge, sejam pobres ou ricos, ou mesmo deuses (como os imperadores deificados ali perto sepultados), o que deve estimular os convivas a aproveitar ao máximo o momento presente que gozam no agradável espaço da *Mica Aurea*. Morte (o Mausoléu de Augusto) e vida (a *Mica Aurea*) lado a lado, lembrando, um, de nosso incontornável fim, a outra, da nossa opção de gozarmos os prazeres da vida enquanto estamos vivos.

Tais prazeres são especificados no verso 3, por meio de quatro conselhos sobre como se pode *carpere diem*: *frange toros, pete uina, rosas cape, tinguere nardo*, “esgota os leitos, pede os vinhos, pega as rosas, perfuma-te de nardo”. Note-se a apresentação direta e ritmicamente construída dessas quatro orientações (todos os pés do hexâmetro são dátilos, exceto, evidentemente, o último), construídas sempre com um verbo no imperativo seguido de seu objeto direto.¹⁹ O uso do termo *toros* leva a pensarmos não nos leitos do triclinio, mas no amor como um dos prazeres da vida.²⁰ Os demais elementos se referem diretamente ao ambiente simposial: o vinho (*uina*) servido aos convivas,²¹ as coroas de rosas (*rosas*) com que estes enfeitavam as cabeças²² e o perfume com que se aspergiam (*nardo*) ao adentrar o triclinio.²³

As mesmas estruturas arquitetônicas – o túmulo dos imperadores e a sala de jantar do palácio imperial – serão novamente mencionadas pelo poeta em V.64,5-6: *Tam uicina iubent nos uiuere Mausolea, / cum doceant ipsos posse perire deos* (“Os Mausoléus, tão vizinhos de nós, nos ordenam a aproveitar a vida/ já que ensinam que os próprios deuses podem morrer”). Repete-se a mesma ideia (cf. II.59.4) de que até mesmo os divinos imperadores estão sujeitos à morte, o que mostra quão inevitável e incontornável ela é, que não distingue ricos ou pobres, plebeus ou nobres, meros mortais ou imperadores

¹⁹. Há ainda um duplo quiasmo em *pete uina, rosas cape, tinguere nardo*: primeiro, verbo – substantivo (objeto direto) – substantivo (objeto direto) – verbo (*pete uina, rosas cape*); depois, substantivo – verbo – verbo – substantivo (*rosas cape, tinguere nardo*).

²⁰. *Torus* é “leito conjugal”, “leito para relações amorosas” (cf. *OLD*, 1985, s.u., 5). Sobre o amor como elemento de concretização do *carpe diem*, cf., em Horácio, *Od.*, I.4.19-20, I.9.15-24, II.11.21-24.

²¹. Cf. Horácio, *Od.*, I.11.6 (*uina liques*), I.4.18, I.9.6-8, II.3.6-8 e 13, II.11.17-20, II.14.25-28, III.29.2.

²². Cf. Horácio, *Od.*, I.4.9-10, II.3.14, II.11.14-15, III.29.3

²³. Cf. Horácio, *Od.*, II.11.15-17 (*Assyriaque nardo... uncti*), II.3.13, III.29.4.

posteriormente divinizados.²⁴ Em V.64.1-4, a exemplo de II.59.3, aparecem também os elementos simposiais que remetem ao banquete como um dos prazeres da verdadeira vida: o vinho (materializado no pedido do poeta aos escanções Calisto e Alcimo para que lhe prepararem o Falerno: *Sextantes, Calliste, duos infunde Falerni, / tu super aestiuas, Alcime, solue niues*, vv. 1-2), o amor (representado pela própria figura desses jovens escravos), o perfume abundante a ungir os cabelos dos partícipes do banquete (*pinguescat nimio madidus mihi crinis amomo*, v. 3) e as coroas de rosas a ornarem as suas cabeças (*lassenturque rosis tempora sutilibus*, v. 4).

A presença da morte é assinalada, por vezes, pela referência às Parcas ou Moiras, as três divindades irmãs (Láquesis, Cloto e Átropo), filhas de Zeus e Têmis, que fiam e cortam o fio que representa a vida de cada ser humano, governando, assim, a duração e o término de suas existências mortais.²⁵ Assim é em IV.54.5-10, em que o poeta lembra Colino, vencedor de uma prova dos Jogos Capitolinos, de que as três deusas fiandeiras são inexoráveis e não se comovem com preces, jamais mudando o dia fixado para cortar o fio da vida de cada um: *Lanificas nulli tres exorare puellas / contigit: observant quem statuere diem*, “as três moças fiandeiras aplacar a ninguém/ foi possível: elas respeitam o dia que estabeleceram” (vv. 5-6). Daí ser sensato, a Colino, aproveitar o dia de hoje como se fosse o último de sua vida (vv. 3-4), pois sua vitória nos jogos e sua momentânea fama não lhe garantirão tratamento diferenciado por parte das Parcas, como não o garantem nem a riqueza, nem o caráter, nem a beleza (vv. 7-8), pois a morte vem igual para todos. Colino pode estar em júbilo pela vitória, mas as três deusas não aumentarão a quantidade de lã destinada a fiar o fio de sua vida: *nil adicit penso Lachesis fusosque sororum / explicat et semper de tribus una secat* (“nada Láquesis acrescenta ao peso de tua lã e desenrola os fusos de suas irmãs, e sempre uma das três corta o fio”, vv. 9-10).

Mensagem semelhante é destinada, em X.44, a Quinto Ovídio, amigo do poeta e vizinho de sítio em Nomento, próximo a Roma. Ao amigo, que está partindo para uma longa viagem à Caledônia (atual Escócia), Marcial diz que a fruição dos bucólicos prazeres nomentanos que ele está deixando para trás estão sendo adiados, mas que as Parcas, ao contrário, não adiam o momento do corte do fio: *Gaudia tu differs, at non et stamina differt / Atropos atque omnis scribitur hora tibi* (“Tu adias as alegrias, mas não adia os fios/ Átropo, e põe cada hora na tua conta”, vv. 5-6).

Em X.38, que celebra os quinze anos de feliz matrimônio entre Caleno e Sulpícia, o poeta afirma, ao final, que, se Átropo devolvesse ao casal um

²⁴ Cf. Horácio, *Od.*, I.4.13-14: *Pallida Mors aequo pulsat pede pauperum tabernas / regumque turres* (“A pálida Morte bate com o mesmo pé nas choupanas dos pobres e nos palácios dos reis”). Cf. ainda *Od.*, II.3.21-24, II.14.9-12 e IV.7.21-28.

²⁵ Cf. Horácio, *Od.*, II.3.15-16.

único dia desses maravilhosos quinze anos, o marido o preferiria a toda uma existência longa como a de Nestor: *ex illis tibi si diu rogatam/ lucem redderet Atropos uel unam,/ mallet quam Pyliam quater senectam* (“se desses [anos] Átropo, depois de muito lhe rogares, te devolvesse um único dia, tu o preferirias quatro vezes mais à velhice pília”, vv. 12-14).

Por fim, no *sotérion* consagrado a Licínio Sura (VII.47), as Parcas são novamente referidas, ainda que, nesse caso, sem nomeação explícita (mas cf. *ruptas colus*): *non tulit inuidiam taciti regnator Auerni/ et ruptas Fatis reddidit ipse colus* (“não suportou a inveja o rei do silencioso Averno/ e restituiu ele próprio, aos Fados, as rocas quebradas”, vv. 7-8).²⁶ No poema, aliam-se às Parcas outros elementos ligados ao mundo dos mortos: a água do Letes (*Lethes aqua*, v. 4),²⁷ que Licínio quase provou (*paene gustata*), e a figura do rei do mundo inferior, Hades ou Plutão, aludido com a perífrase *taciti regnator Auerni* (v. 7).²⁸

Outras passagens em que se faz presente a lembrança da morte são I.15.3, VI.70.1-6, X.23.1-4, 44.3-4 (todos referindo-a por meio da menção à idade avançada dos indivíduos homenageados, mesmo que alguns destes gozem ainda de boa saúde), V.20.11-13, VIII.77.7-8 e X.47.13. Os poemas V.20 e X.47 serão traduzidos e analisados mais à frente.

V

A figura dos herdeiros é outra presença frequente nos epigramas de Marcial centrados no *tópos* do *carpe diem*. Essa figura, por evocar indiretamente a morte (pois que é, em geral, depois dela que a herança se transmite), é mais uma lembrança da finitude de nossa existência e da conseqüente necessidade de aproveitarmos nós mesmos os bens que temos, não nos preocupando em deixá-los aos nossos descendentes.²⁹ Os herdeiros, com efeito, representam o futuro, o amanhã, mas um amanhã do qual nós não participaremos. Tais ideias vêm bem resumidas no dístico 126 dos *Xênias*:

Xen., 126

Vnguentum

Vnguentum heredi numquam nec uina relinquas.

Ille habeat nummos, haec tibi tota dato.

²⁶. Outras referências às três Parcas ou a uma delas em epigramas não ligados ao tema do *carpe diem* podem ser encontradas em I.88.9-10; IV.73.1-6; VI.58.7-8, 62.3; IX.17.1-2, 76.6-8, 86.7-8; X.53.3-4; XI.36.3-4.

²⁷. Em nosso *corpus*, também em X.23.4 (*Lethes aquas*).

²⁸. Cf. Horácio, *Od.*, I.4.16-17; II.3.24-28; II.14.5-11 e 17-20; IV.7.14-16 e 21-28.

²⁹. Cf. Horácio, *Od.*, II.3.17-20; II.14.25-28; IV.7.19-20.

Perfume

Perfume e vinhos, nunca deixes ao herdeiro.

Só teu dinheiro; aqueles, gasta tu.

O homem sábio pode até legar seu dinheiro, mas não seus vinhos (*uina*) e seu perfume (*unguentum*), que ele próprio deve consumir. O poema traz, pois, dois elementos que remetem diretamente ao prazer do banquete, como já mencionamos anteriormente.³⁰

Em VI.27, dirigido a Nepos, outro amigo e vizinho do poeta, temos uma exortação bastante semelhante. Nepos, conquanto tenha uma filha que merece toda a dedicação do pai (vv. 3-4), deve buscar consumir ele mesmo seu vinho envelhecido, deixando em herança à filha apenas os bens monetários (vv. 5-6): *Tu tamen annoso nimium ne parce Falerno, / et potius plenos aere relinque cados*, “Mas tu, não poupes em demasia teu idoso Falerno, / e antes deixa-lhe as jarras cheias de moedas” (note-se o interessante contraste entre a jarra cheia de vinho e a jarra cheia de moedas). Que a filha de Nepos – prossegue o poeta – se torne rica, mas beba vinho novo, e, se assim ela desejar, que envelheça seu próprio vinho (vv. 7-8). Não apenas quem não tem filhos possui o direito de beber um bom vinho (v. 9); *possunt et patres uiuere, crede mihi* (“também os pais podem – crê em mim – aproveitar a vida”), arremata Marcial (vv. 9-10).

A figura do herdeiro retorna, mais uma vez, em VIII.44, agora caracterizado de forma bem menos elogiosa. No poema, Título é censurado por passar seus dias em atividades desgastantes e desagradáveis (vv. 3-8) com o fim de juntar riquezas de que não usufruirá e que serão deixadas ao herdeiro (v. 9). Este, alerta o poeta, mesmo que receba um legado vultuoso, achará que foi pouco e não se mostrará grato à memória do pai (vv. 10-12); ao contrário, a desrespeitará já durante a cerimônia fúnebre, ao beijar atrevidamente os eunucos do falecido (vv. 13-15), e também na primeira noite após a morte, ao cair nos braços do escravo predileto do pai (vv. 16-17).

VI

Vejamos agora, para concluir nosso estudo, três epigramas (II.90, V.20 e X.47) que desenvolvem e especificam os elementos e as atividades que, na filosofia de cariz epicurista abraçada por Marcial, resumem o seu ideal de *carpe diem*. Em outras palavras, o que é, para o poeta, uma vida feliz? Que bens,

³⁰ O epigrama seguinte, *Xen.*, 127, se ocupará da descrição de coroas de rosas (*coronae roseae*), completando a tríade perfumes, coroas de rosas e vinhos que é tão comum na poesia convivial. Dessa forma, *Xen.* 126 e 127, por serem os últimos da coletânea de que fazem parte, representam um fecho adequado para um livro cujo eixo temático são os banquetes festivos realizados, sobretudo, nas Saturnais.

dávivas e prazeres são necessários a uma existência para que se possa dizer que se aproveitou verdadeiramente a vida? E, por oposição, quais atividades, dores e dissabores devem ser evitados e rejeitados, visando a esse mesmo fim?

Obviamente, alguns desses elementos já apareceram nos epigramas até aqui comentados (os prazeres do vinho, do amor, da amizade *etc.*) e serão retomados nos parágrafos que seguem.

Começemos pelo epigrama abaixo, dedicado ao orador e mestre de retórica Quintiliano:

II.90

*Quintiliane, uagae moderator summe iuuentae,
gloria Romanae, Quintiliane, togae,
uiuere quod propero pauper nec inutilis annis,
da ueniam: properat uiuere nemo satis.*
Differat hoc patrios optat qui uincere census 5
atriaque immodicis artat imaginibus.
Me focus et nigros non indignantia fumos
tecta iuuant et fons uiuus et herba rudis.
Sit mihi uerna satur, sit non doctissima coniunx,
sit nox cum somno, sit sine lite dies. 10

Ó Quintiliano, que és do instável moço o guia
ilustre e a glória da romana toga,
deixa que eu, pobre e jovem, me apresse em viver:
ninguém se apressa a isso o suficiente.
Postergue-o quem os bens paternos quer ampliar 5
e o átrio entulha com imagens desmedidas.
Já eu lareira quero, e um teto ao negro fumo
dócil, nascente d'água e rude relva.
Um bem nutrido escravo, esposa não tão culta,
noite com sono e dia sem litígios. 10

As ideias de simplicidade e moderação perpassam todos os versos. Marcial se coloca desde o verso 3 como um “pobre” (cf. *pauper*) que, conformado, está disposto a gozar a sua existência de forma simples e modesta, consoante essa condição social (vv. 3-4). Critica em seguida a opção, por muitos adotada, de adiar a fruição do momento presente por estarem ocupados em ajuntar mais riquezas – não se contentando com aquelas que receberam por herança (v. 5) – e por ambicionarem desesperadamente nome e nobreza (v. 6).

Por contraste, o que o poeta deseja é a felicidade das coisas simples, como na vida do campo, em que itens básicos e baratos, muitos deles gratuitos, bastam para uma vivência tranquila e sem ambições: uma lareira ou fogão (*focus*), um teto rústico, que não se revolta por se ver enegrecido pela fumaça daquele (*nigros non indignantia fumos tecta*, vv. 7-8), uma fonte de água corrente (*fons uiuus*, v. 8), a relva que cresce naturalmente, sem ser artificialmente podada

(*herba rudis*, v. 8).³¹ A lista de desejos prossegue no dístico final (vv. 9-10), agora não mais centrada em objetos e seres inanimados, como no dístico anterior, mas em pessoas: um escravo bem nutrido (*uerna satur*, o que denota quão abundante, apesar de simples, é a vida almejada, em que até os escravos se alimentam bem); uma esposa não culta demais (*non doctissima coniunx*, em que se nota a mediania desejada: a esposa não deve ser culta demais, o que não significa que deva ser totalmente rude); uma noite bem dormida, sem insônia (*nox cum somno*); um dia sem litígios (*sine lite dies*).

É digna de nota a engenharia do dístico final, que traz a anáfora do verbo *sit* (em construção de dativo de posse), repetido no início de cada item da lista (*sit mihi uerna ..., sit non ... coniunx, / sit nox ..., sit ... dies*), além de uma elegante disposição quiástica: no v. 9, substantivo (*uerna*) – adjetivo (*satur*) – adjetivo (*doctissima*) – substantivo (*coniunx*); no v. 10, substantivo (*nox*) – locução adverbial (*cum somno*) – locução adverbial (*sine lite*) – substantivo (*dies*). Observe-se também que ao contraste amor homoerótico/ amor heterossexual do hexâmetro responde o contraste noite/ dia do pentâmetro.

Os “dias sem litígios” (*sine lite dies*) do v. 10 não se referem propriamente à ausência de contendas jurídicas envolvendo a própria pessoa do poeta como uma das partes litigiosas, mas se referem, antes, e sobretudo, à ausência das pesadas obrigações a que ele estava sujeito na sua condição de cliente (*cliens*) na Roma do século I d.C. Com efeito, um dos deveres do cliente para com seu patrono era justamente acompanhá-lo ao fórum e às suas funções advocatícias, aplaudindo seus discursos, vaiando os de seus adversários³² e servindo de testemunha nos mais diversos tipos de contratos e questões.³³ Essas, bem como outras obrigações inerentes à instituição da clientela – saudar o patrono todas as manhãs, no átrio de sua casa (*salutatio*), acompanhá-lo até o local de suas funções diárias, abrindo passagem para a sua liteira, *etc.* –, são retratadas como maçantes, desgastantes e insuportáveis por Marcial em dezenas de epigramas,³⁴ e, por isso mesmo, surgem por vezes nas peças centradas no *carpe diem* para representarem aquilo que *não é* desejável na existência daqueles que almejam viver verdadeiramente a vida e gozar o momento presente. Veja-se, por exemplo, V.20, dedicado ao mesmo amigo, Júlio Marcial, a quem o poeta se dirige em I.15:

³¹ Cf. também, em nosso *corpus*, I.49. Mas a descrição do ambiente campestre como ideal de vida ocorre mesmo em muitos epigramas que não contêm a tópica do *carpe diem*: I.55; II.48; IV.55; IX.90; X.12, 13, 30, 37, 96; XII.18, 60.

³² Cf., em nosso *corpus*, I.49.33 e 35-36; V.20.6-7, VIII.44.6-8 e X.47.5. Cf. ainda III.46.7-10; X.10.9-10, 70.11; XI.24.1-3; XII.68.3-4.

³³ Cf. IX.87.3-6 e X.70.7-8.

³⁴ Eis a lista completa: I.49.31-36, 55, 59, 70, 80, 108, 112; II.5, 18, 55, 68, 74; III.4, 7, 36, 38, 46; IV.26, 68; V.19, 20, 22; VI.88; VIII.44.4-8; IX.6, 22.10, 87, 92, 100; X.10, 56, 58, 70, 74, 82, 96; XI.24; XII, prefácio, 18, 29, 60, 68.

V.20

*Si tecum mihi, care Martialis,
 securis liceat frui diebus,
 si disponere tempus otiosum
 et uerae pariter uacare uitae,
 nec nos atria nec domos potentum* 5
*nec litis tetricas forumque triste
 nossemus nec imagines superbas;
 sed gestatio, fabulae, libelli,
 campus, porticus, umbra, Virgo, thermae,
 haec essent loca semper, hi labores.* 10
*Nunc uiuit necuter sibi, bonosque
 soles effugere atque abire sentit,
 qui nobis pereunt et imputantur.
 Quisquam, uiuere cum sciat, moratur?*

Se eu contigo gozar pudesse dias
 sossegados, meu caro Marcial,
 ser senhor de meu tempo livre e a vida
 verdadeira viver junto de ti,
 nem átrios nem mansões dos poderosos 5
 nós dois conheceríamos, nem fórum,
 nem processos cruéis, soberbas máscaras.
 Os passeios, os causos, as leituras,
 o Campo, a Virgem, termas, sombras, pórticos,
 eis os locais e encargos que teríamos. 10
 Nenhum de nós vive hoje para si,
 e os belos sóis fugir e partir sente,
 sóis que ao morrer a nós são computados.
 Quem sabe viver vive no presente.³⁵

Se lhe fosse concedido fruir de dias tranquilos junto do amigo, diz o poeta nos vv. 1-2, e se dispusesse de tempo livre (v. 3) para viver a verdadeira vida (*uerae ... uacare uitae*, v. 4³⁶), ele e o amigo rejeitariam o que era penoso e cansativo na vida do cliente em Roma: a dura e desconfortável *salutatio* matinal – implícita nas referências aos átrios e às mansões dos poderosos (*nec ... atria nec domos potentum*, v. 5) e às imagens de cera que adornavam esses locais (*nec imagines superbas*, v. 7³⁷) – e a presença e participação nos maçantes julgamentos de litígios (*nec litis tetricas forumque triste*, v. 6).

Após a exposição dos elementos indesejáveis (vv. 5-7), cuja recusa é reforçada pela anáfora da conjunção *nec* a iniciar cada sequência frásica que

³⁵. Para traduzir os hendecassílabos falécios deste poema e, mais à frente, de Catulo 5 e de Marcial X.47, adotamos o decassílabo com acentuação fixa na 6ª e 10ª sílabas. No caso do poema catuliano e de Marcial X.47, há também certa regularidade na acentuação da 8ª sílaba.

³⁶. Cf. I.49.39 (*uero ... fruere ... gaudio*). Em *Veræ ... Vacare Vitæ*, note-se ainda a repetição do /u/ semivocálico a reforçar o conteúdo da mensagem poética.

³⁷. Cf. *supra* II.90.6: *atriaque immodicis artat imaginibus*.

os contém, vem a apresentação, por meio de oito substantivos, dos elementos que constituem a vida feliz e bem vivida (vv. 8-10), agora conectados de forma assindética, paratática, o que confere rapidez e vivacidade ao conjunto de amenidades elencadas. Primeiro (v. 8), vêm as *atividades* desejadas: os passeios (*gestatio*), a boa conversa, os causos (*fabulae*), a literatura (*libelli*). Depois (v. 9), os *lugares* aprazíveis que seriam frequentados, sítios de passeio, banho, repouso: *campus* (o Campo de Marte, extensa área na planície do rio Tibre situada entre os montes Pinciano, Quirinal e Capitólio); *porticus* (provavelmente os pórticos dos vários templos localizados nessa região); *umbra* (a sombra desses pórticos ou das árvores); *Virgo* (a *Aqua Virgo* ou Água Virgem, aqueduto que trazia a água que abastecia as Termas de Agripa no Campo de Marte); *thermae* (essas termas, ou as de Nero, também no Campo de Marte, ou, ainda, as de Tito, que ficavam nas imediações do Anfiteatro Flávio).³⁸ Note-se que quase todos os locais e edifícios mencionados situam-se no Campo de Marte, algo que se reflete na própria construção do verso, que se mostra cuidadosamente arranjado: *campus*, que abre a lista, é uma espécie de resumo, de superconjunto que contém as quatro unidades menores que se seguirão (*porticus*, *umbra*, *Virgo* e *thermae*). Estas, por sua vez, formam dois pares contíguos e relacionados por pertencimento: primeiro, *porticus* e *umbra* (as sombras “pertencem” aos pórticos); depois, *Virgo* e *thermae* (as águas, *Virgo*, “pertencem” às termas). A disposição revela, pois, um sutil quiasmo: *porticus* (continente) – *umbra* (contéudo) – *Virgo* (contéudo) – *thermae* (continente). Por fim, para fechar a tríade (vv. 8-10) dedicada aos elementos que permitem a concretização do *carpe diem*, o verso 10 sintetiza: “estes seriam sempre os locais, estes os trabalhos” (*haec essent loca semper, hi labores*). A ordem aqui é inversa, já que primeiro tinham sido mencionadas as atividades (v. 8), e só depois os lugares (v. 9). Note-se ainda o emprego expressivo, quase irônico, de *labores*, termo que indica tarefas árduas, difíceis e estafantes, mas que aqui é usado para definir atividades, ao contrário, fáceis e prazerosas. Em resumo, o que assevera o poeta a Júlio Marcial é que “os passeios, os causos, as leituras, esses serão os *seus* labores”,³⁹ não aqueles mencionados nos vv. 5-6, que seriam, efetivamente, árduas atividades.

Tendo exposto o seu ideal de vida feliz ao lado do amigo, ideal esse composto por aquilo a que renunciaria (vv. 5-7) e aquilo a que aspiraria (vv. 8-10), o poeta termina com uma nota melancólica, reconhecendo que, no atual momento, nem ele, nem Júlio vivem para si próprios (v. 11), isto é,

³⁸ Todas essas informações sobre o Campo de Marte foram colhidas em Howell, 1995, pp. 100-101.

³⁹ Talvez possa haver ainda alusão ao passo da *Eneida* em que a Sibila explica a Eneias que ir ao reino dos mortos é fácil, o difícil é voltar de lá: *hoc opus, hic labor est* (VI.129), “esta é a dificuldade, esta é a labuta”.

não gozam de tempo livre para os prazeres da vida, ocupados que estão com obrigações e tarefas desagradáveis. E sentem os sóis nascerem e morrerem continuamente, marcando a implacável passagem do tempo (vv. 12-13). Neste último par de versos, são evidentes os elos intertextuais estabelecidos com o célebre poema 5 de Catulo (*Viuamus, mea Lesbia, atque amemus*), em que a *persona* catuliana traz a passagem do tempo e a necessidade de aproveitamento do momento presente como justificativas para o convite amoroso dirigido à sua amada Lésbia:

Catulo, 5

*Viuamus, mea Lesbia, atque amemus,
rumoresque senum seueriorum
omnes unius aestimemus assis.
Soles occidere et redire possunt;
nobis cum semel occidit brevis lux, 5
nox est perpetua una dormienda.
Da mi basia mille, deinde centum,
dein mille altera, dein secunda centum,
deinde usque altera mille, deinde centum.
Dein, cum milia multa fecerimus, 10
conturbabimus illa, ne sciamus,
aut ne quis malus inuidere possit,
cum tantum sciat esse basiorum.⁴⁰*

Vivamos, minha Lésbia, e nos amemos,
e aos murmúrios dos velhos mais severos –
todos – valor de um asse vamos dar.
Os sóis podem morrer ou renascer,
mas a nós, quando morre a breve luz, 5
uma só noite, e eterna, dormiremos.
Beijos mil dá-me então; depois, mais cem;
depois, mais mil; e então, mais outros cem;
e outros mil sem parar; e após, mais cem.
E aí, depois de muitos mil beijarmos, 10
perderemos a conta de propósito,
pra maldoso nenhum nos invejar
quando souber que os beijos foram tantos.

O trecho que mais nos interessa é o dos versos 4-6, em que os sóis (*soles*, v. 4), metonímia para “dias” (= tempo), em seu eterno movimento de morrer e renascer (*occidere et redire*), contrapõem o tempo cíclico e eterno da natureza ao tempo linear e finito da vida humana.⁴¹ “Luz” (*lux*, v. 5), metonímia para a vida humana, caracterizada como breve e fugaz (*brevis*), tem como predicado

⁴⁰. Texto de Lafaye (1984), mas com maiúscula em início de verso apenas quando há ponto final, de interrogação ou exclamação no final do verso anterior.

⁴¹. Como vimos em Horácio, *Od.*, I.11.4-6.

o mesmo verbo do sujeito “sóis” do verso anterior (*occidit*), reforçando a comparação. A “noite” perpétua e definitiva (*nox*, v. 6) é, obviamente, a morte.⁴²

No verso 12, Marcial empresta de Catulo (v. 4) a metonímia *soles*, posicionando-a, como o seu modelo, em início de verso, além de adotar, como no poema catuliano, um par de infinitivos – ligados por conjunção aditiva – que lhe servem de predicado: *effugere atque abire* (em Catulo, *occidere et redire*). Além disso, no verso 13, *qui nobis* retoma o *nobis cum* catuliano (v. 5), enquanto *pereunt et imputantur* (“morrem e são computados”) ecoa, ainda que com palavras diferentes, a ideia de que a nossa breve vida terá um fim (*occidit brevis lux*). A própria disposição de tais palavras dentro dos versos, que é muito parecida, reforça a relação intertextual em operação, para o que contribui, evidentemente, o fato de o metro – o hendecassílabo falécio – ser o mesmo em ambas as peças. Observe-se:

Catulo, 5.4-6

*Sōlēs/ōccidē/r(e) ēt rē/dīrē/ pōssūnt;
nōbīs/ cūm sēmēl/ōccīdīt brē/uīs lux,
nōx ēst/ pērpētū/(a) ūnā /dōrmī/ēndā.*

Marcial, V.20.11-13

*Nūnc uī/uīt nēcū/tēr sī/bī, bō/nōsquē
sōlēs/ēffūgē/r(e) ātquē (a)/bīrē/ sēntīt,
quī nō/bīs pērē/ūnt ēt/ īnpū/tāntūr.*

As diferenças também são dignas de menção. Marcial aplica a *soles* a qualificação *bonos* (v. 11), reforçando que aquilo que ele e o amigo perdem ao não viverem para si mesmos são “dias bons, felizes” (*bonos soles*), como aqueles descritos nos vv. 8-10, com passeios, conversas, literatura, amizade, banhos.⁴³ Além disso, emprega *effugere* e *abire*, dois verbos que indicam especificamente a fuga e a partida *desses* “dias felizes”, enquanto Catulo, com seu *occidere* e *redire*, que remete ao ir e vir dos sóis, dos dias, evoca antes a passagem pura e simples do tempo, de maneira genérica. A diferença é muito sutil, mas pode-se dizer que o primeiro é mais específico, pessoal, enquanto a mensagem de Catulo se reveste de caráter mais universal.

A nosso ver, as alusões feitas por Marcial, na porção final de seu poema, a Catulo 5 e à sua poderosa mensagem de *carpe diem* (sintetizada no convite de abertura *Viuamus, mea Lesbia, atque amemus*) reforçam a argumentação

⁴² Para mais observações sobre esse trecho e o poema 5 de Catulo como um todo, ver as belas análises de Vasconcellos (1991, pp. 29-31) e de Achcar (1994, pp. 74-77).

⁴³ Esse uso adjetivado de *soles* se aproximaria mais, portanto, dos *candidi soles* de outro passo catuliano, 8.3: *Fulsere quondam candidi tibi soles* (“Brilharam-te outrora brilhantes sóis”), depois repetido em 8.8 (*Fulsere uere candidi tibi soles* (“Brilharam-te, é verdade, brilhantes sóis”).

apresentada ao amigo Júlio sobre a necessidade de fruírem o momento presente, coisa que nem um nem outro vem fazendo. A mensagem marciálica é, obviamente, mais contida, pois que dirigida ao amigo, não à amada, e está ausente, portanto, o arrebatamento amoroso presente no exemplar catuliano. Trata-se, no caso da primeira, de uma moderada e calma reflexão sobre as coisas que tornam feliz a vida, coadunando-se o tom do texto, portanto, com a própria tranquilidade da existência proposta nos versos como ideal de vida. Daí o convite ao *carpe diem*, em Marcial – diferentemente dos reiterados pedidos de beijos da segunda metade do poema catuliano e de seu sonoro, arrebatador e exclamativo verso de abertura –, vir quase disfarçado, modestamente, por meio de uma simples e objetiva pergunta retórica, no último verso do poema (v. 14): “Quem é que, sabendo viver verdadeiramente a vida, ainda assim se demora em fazê-lo?” (*Quisquam, uiuere cum sciat, moratur?*).

Contudo, em nenhum outro poema Marcial expõe de maneira mais clara e completa o seu ideal de felicidade e a sua maneira de aproveitar o momento presente do que no famoso X.47, dedicado mais uma vez ao amigo Júlio Marcial:

X.47

*Vitam quae faciant beatiorem,
iucundissime Martialis, haec sunt:
res non parua labore, sed relicta;
non ingratus ager, focus perennis;
lis numquam, toga rara, mens quieta; 5
uires ingenuae, salubre corpus;
prudens simplicitas, pares amici;
conuictus facilis, sine arte mensa;
nox non ebria sed soluta curis;
non tristis torus et tamen pudicus; 10
sommus qui faciat breues tenebras:
quod sis esse uelis nihilque malis;
summum nec metuas diem nec optes.*

Eis as coisas que tornam mais feliz
a vida, meu caríssimo Marcial:
bens herdados, não ganhos com esforço;
campo fértil, fogão nunca apagado;
causas, jamais, sem toga, a paz do espírito; 5
um vigor de homem livre, um corpo são;
candor prudente, amigos que são pares;
mesa sem luxo, afável companhia;
noites não ébrias, mas despreocupadas;
um leito não austero, embora honrado; 10
um sono que abrevie a escuridão;
querer ser o que se é e nada mais;
não querer nem temer o dia extremo.

Após anunciar, didaticamente, a apresentação dos elementos que tornam mais feliz a vida de um homem (*Vitam quae faciant beatiorem ... haec sunt*, vv. 1-2), o poeta os apresenta um a um, inicialmente por meio de uma série de substantivos acompanhados de expressões adjetivadoras (vv. 3-11); depois, nos dois versos finais (vv. 12-13), por meio de conselhos construídos com subjuntivos no presente, de valor jussivo (*uelis, malis, nec metuas, nec optes*).

Como em II.90, também aqui perpassam os itens da lista as ideias, inter-relacionadas, de moderação (vv. 3⁴⁴, 4⁴⁵, 7⁴⁶, 8⁴⁷, 9, 10 e 12), simplicidade (vv. 3, 4, 7, 8 e 12), autocontrole (vv. 5⁴⁸, 9, 12 e 13), amizade (vv. 7⁴⁹, 8⁵⁰ e 9⁵¹), tranquilidade e ausência de preocupações e dissabores (vv. 3, 5⁵², 6, 9⁵³, 11, 12 e 13).

Observa-se a recorrência de certos elementos na filosofia de Marcial sobre a vida feliz e sobre a forma de aproveitar o momento presente. O contentar-se com os bens obtidos por herança em vez de buscar aumentá-los com esforços desmedidos ecoa II.90.5, que reproduzimos anteriormente (*Differat hoc [uiuere] patrios optat qui uincere census*), bem como VIII.44.4-11, também já referido. A presença do *focus*, que serve a um só tempo para o preparo dos alimentos e para aquecer no tempo de inverno, é outro elemento constante nos epigramas centrados no *carpe diem* (além de X.47.4, cf. I.49.27 e II.90.7-8: *me focus et tecta nigros non indignantia fumos/ tecta iuuant*). O mesmo se pode dizer da recusa das obrigações inerentes à clientela, as quais já vimos repudiadas, além do poema em questão (v. 5: *lis numquam, toga rara*), em I.49.31-36, II.90.10 (*sine lite dies*), V.20.5-7 e VIII.44.4-8.⁵⁴ A amizade (X.47.1 e 7-9) já aparecera fortemente em V.20.1-10, assim como em I.15.1-2, dentre outras passagens. Um sono de qualidade, com noites bem dormidas (X.47.11: *somnus qui faciat breues tenebras*), já fora listado em I.49.35-36 e

⁴⁴ *Res non parta labore, sed relictā* indica a recusa da postura de não se contentar com o que foi legado pelos pais e se buscar gananciosamente, por meio de árduos trabalhos, aumentar os bens havidos por herança.

⁴⁵ A lítotes *non ingratus* reforça sintaticamente a ideia de mediania.

⁴⁶ É difícil interpretar a expressão *prudens simplicitas*. Vertemos por um “candor prudente”, entendendo-a como o ser simples, singelo, mas sem ser inocente ou ingênuo; em outras palavras: ainda que inclinados à simplicidade e à brandura, devemos estar atentos para que os outros não se aproveitem de nós justamente por isso.

⁴⁷ *Sine arte mensa*.

⁴⁸ *Mens quieta*.

⁴⁹ *Pares amici*: amigos de igual condição, junto aos quais se fica mais à vontade.

⁵⁰ Em *mensa* pode estar também incluída referência à companhia dos *amigos* à mesa.

⁵¹ Da mesma forma, pode incluir referência ao beber na companhia dos *amigos*.

⁵² *Lis* (cf. V.20.6) e *toga* se referem às penosas obrigações do cliente para com seus patronos.

⁵³ Cf. *nox ... soluta curis*.

⁵⁴ Veja-se também a nota 34, que traz a lista completa dos epigramas que menciona o tema, não só aqueles centrados na tópica do *carpe diem*.

II.90.10 (*sit nox cum somno*). O prazer do vinho e do banquete (X.47.8-9) é destacado também em *Xen.*, 126, II.59.3 (*pete uina, rosas cape, tinguere nardo*), V.64.1-4, VI.27.5-10, VIII.77.2-5; o do amor (X.47.10: *non tristis torus et tamen pudicus*), em II.59.3 (*frange toros*), V.64.1-2, VIII.77.6 (*et caleat blando mollis amore torus*) e X.38.1-8.

Os versos finais de X.47, que interrompem a lista de substantivos e fornecem, com verbos no subjuntivo, admoestações mais diretas, são uma espécie de síntese ou resumo de todos os elementos anteriormente elencados. Com efeito, os princípios de moderação, simplicidade, tranquilidade e autocontrole representados ora por uns, ora por outros desses elementos estão resumidos nos dois conselhos fornecidos nos versos que encerram o poema: contentar-se com o que se tem, ser feliz com o que se é (*quod sis esse uelis nihilque malis*, v. 12) e não esperar nem temer o dia final da própria existência (*summum nec metuas diem nec optes*, v. 13). O homem sábio é senhor de si e, ao contrário da Leucônoe horaciana, não se inquieta com o que está por vir nem se pergunta sobre a sua morte, mas, simplesmente, busca viver o presente da maneira como ele se lhe apresenta.

VI

Conclui-se, pois, que a tópica do *carpe diem*, já à época de Marcial com larga história nas letras gregas e latinas, é por ele encarada como rico material a ser explorado em todas as suas possibilidades, do que resulta ser tratada e trabalhada das mais diversas formas e para os mais diferentes fins. Encontramo-la empregada para amenizar a objetividade das descrições de produtos em *Xênia* (126) e para construir o encômio de Domiciano na descrição da *Mica Aurea* de II.59; vemo-la evocada para exaltar o “hoje” vitorioso de Colino em IV.54; surpreendemo-la como base da invectiva contra Titulo em VIII.44; deparamo-nos com ela no louvor de existências bem vividas dos genetliacos a Cota (VI.70) e a Antônio Primo (X.23) e do poema sobre o aniversário de casamento de Caleno e Sulpícia (X.38); vemo-la também na instigação a aproveitar a vida restituída do *sotérion* a Licínio Sura (VII.47), no discurso de despedida e votos de breve retorno a Quinto Ovídio (X.44) e na advertência ao velho amigo Júlio Marcial para que aproveite os dias que lhe restam (I.15); contemplamo-la convencional em V.58 e, como era esperado, nos poemas de ambientação convivial (V.64, VIII.77); descobrimo-la no bucolismo da vivência rural idealizada em II.90, e, acrescida de referências autobiográficas à Hispânia natal, em I.49; assistimo-la, por fim, num tratamento muito particular, bem marcialico, na descrição de um ideal de vida feliz da qual são banidos enfaticamente os pesados deveres de cliente (I.49, II.90, V.20, X.47).

Para encerrar, apresentamos, para maior facilidade de consulta, os principais temas, imagens, ideias e princípios, relacionados ao *carpe diem*, que identificamos no *corpus* de Marcial analisado no presente artigo:

A) A rápida passagem do tempo

- a) o tempo foge, passa rápido: V.20.11-13; X.44.5-6.
- b) lembrança da morte e de seu caráter inevitável:
 - b1) a morte vem para todos: II.59.3; IV.54.7-10; V.64.5-6.
 - b2) idade avançada prenuncia a morte: I.15.3; VI.70.1-6; VIII.44.3; X.23.1-4, 44.3-4.
 - b3) o homem sábio e feliz não teme a morte: X.23.3-4, 47.13.
 - b4) pode-se ter vida longa mesmo morrendo antes da velhice: VIII.77.7-8.
 - b5) as Parcas: IV.54.5-10; VII.47.7-8; X.38.12-13, 44.5-6.
 - b6) o mundo inferior: VII.47.4 e 7; X.23.4.
 - b7) os herdeiros: *Xen.*, 126; VI.27.5-10; VIII.44.9-17.

B) *Carpe diem*: princípios

- a) as alegrias são efêmeras, não devem ser adiadas: I.15.8-10; II.90.5-6; V.20.11-12 e 14; VII.47.11; X.44.5.
- b) só as alegrias já vividas nos pertencem: I.15.6; V.58.7-8; VIII.77.7-8; X.23.7-8, 38.9-11.
- c) os sofrimentos e dissabores são permanentes e eternos: I.15.7.
- d) a vida verdadeiramente vivida é um recorte do todo da vida:
 - d1) ideia desenvolvida: I.15.3-4; VI.70; VII.47.11-12; VIII.77.7-8; X.23, 38.9-11.
 - d2) ideia implícita no uso de aceção específica de *uiuere* ou *uita*: I.15.11-12; II.90.3-4; V.20.14, 58.1 e 7-8, 64.5; VI.27.10; VIII.44.1.
- e) não se deve preocupar com o amanhã, que é inacessível e distante: I.15.5-6; V.58.1-6, X.47.13.
- f) formulações explícitas do *carpe diem*: I.15.11-12; IV.54.3-4; V.58.7-8; VI.27.9-10; VII.47.11-12; VIII.44.1-2.

C) *Carpe diem*: a concretização

- a) o prazer do amor: II.59.3; V.64.1-2; VIII.77.6; X.38.8, 47.10.
- b) o prazer do banquete:
 - b1) vinho: *Xen.*, 126; II.59.3; V.64.1-2; VI.27.5-10; VIII.77.5
 - b2) perfume: *Xen.*, 126; II.59.3; V.64.3; VIII.77.3.
 - b3) coroas de rosas: II.59.3; V.64.4; VIII.77.2 e 4.
- c) a amizade: I.15.1-2; V.20.1-4 e 8-10; VII.47.3-10; VIII.77.1; X.44.7-10; 47.2 e 7-9.
- d) tranquilidade e noites bem dormidas: I.49.35-36; II.90.10; V.20.2; X.23.2, 47.5 e 11.

- e) ausência de ocupações maçantes: I.49.31-36; II.90.10; V.20.5-7; VIII.44.4-8; X.47.3-4.
- f) moderação, simplicidade, ausência de ambições desmedidas (riqueza, poder, nobreza): I.49.37-38; II.90.5-10; VIII.44.9-11; X.47.3-12.
- g) natureza e vida bucólica: I.49.1-30; II.90.8; X.44.3-5, 47.4.
- h) lazeres urbanos: V.20.8-10.
- i) leitura: V.20.8.
- j) saúde: VI.70; X.47.6.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHCAR, Francisco (1994). *Lírica e Lugar-comum: Alguns Temas de Horácio e sua Presença em Português*. São Paulo: Edusp.
- CITRONI, Mario (1975). *M. Valerii Martialis Epigrammaton Liber I*. Introduzione, texto, apparato critico e commento a cura di M. Citroni. Firenze: La Nuova Italia Editrice.
- GALÁN VIOQUE, Guillermo (2002). *Martial. Book VII: A Commentary*. Leiden: Brill.
- GLARE, P. G. W (ed.). (1968). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford University Press.
- HOWELL, Peter (1980). *A commentary on Book One of the Epigrams of Martial*. London: The Athlone Press.
- HOWELL, Peter (1995). *Martial. The Epigrams Book V*. Oxford: Aris & Phillips.
- LAFAYE, Georges (1984). *Catulle. Poésies*. 11ª reimpr. Texte établi et traduit par G. Lafaye. Paris: Les Belles Lettres.
- LEARY, Timothy J. (2001). *Martial. Book XIII: The Xenia*. Text with introduction and commentary by Timothy J. Leary. London: Duckworth.
- MORENO SOLDEVILA, Rosario (2006). *Martial. Book IV: A Commentary*. Leiden: Brill.
- NISBET, R. G. M.; HUBBARD, M. (1975). *A Commentary on Horace Odes Book 1*. Oxford: Oxford University Press.
- OLD: ver GLARE.
- PIMENTEL, Cristina de Sousa; LEÃO, Delfim Ferreira; BRANDÃO, José Luís; FERREIRA, Paulo Sérgio. *Marcial. Epigramas*. Introdução e notas de C. S. Pimentel, tradução de D. F. Leão (*Livro dos Espetáculos*, livros IV, VII, XI e XIII), J. L. Brandão (livros I, II, VI, IX e XII) e P. S. Ferreira (livros III, V, VIII, X e XIV). Lisboa: Edições 70, 2000 (vol. I-II), 2001 (vol. III) e 2004 (vol. IV). 4 v.
- SHACKLETON BAILEY, David Roy (1993). *Martial. Epigrams*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 3 v.
- SHACKLETON BAILEY, David Roy (2008). *Q. Horatius Flaccus Opera*. Editio stereotypa editionis quartae (MMI). Edidit D. R. Shackleton Bailey. Berolini et Noui Eboraci: Walter de Gruyter.
- SULLIVAN, John Patrick (1991). *Martial: the unexpected classic: A Literary and Historical Study*. Cambridge: Cambridge University Press.
- VASCONCELOS, Paulo Sérgio (1991). *O Cancioneiro de Lésbia*. São Paulo: Hucitec, 1991.
- WILLIAMS, Craig A. *Martial. Epigrams*. (2004). *Book Two*. Edited with introduction, translation, and commentary by Craig A. Williams. Oxford: Oxford University Press.

Recebido: 04/07/2017

Aceito: 03/08/2017